

PERCEÇÃO DA VARIAÇÃO DA CODA (S) NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO ACESSANDO O SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIANTE FRICATIVA POSTERIOR

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo (UFRJ)
Christina Abreu Gomes (UFRJ/CNPq)

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados para um teste de percepção que avalia o significado social das variantes da variável coda (s) aplicado a três grupos de participantes pertencentes a dois grupos sociais distintos na comunidade de fala do Rio Janeiro. O compartilhamento de padrões de avaliação social entre falantes é um componente importante do pertencimento dos falantes a uma mesma comunidade de fala (LABOV, 1972). Diferentes estudos, baseados em dados de produção, fornecem evidência de que a variante fricativa posterior (velar/glotal), como em me[h]mo, é estigmatizada em diversas variedades do Português Brasileiro. Os resultados do teste aplicado revelaram que a dinâmica sociolinguística de falantes de uma determinada comunidade de fala é complexa, uma vez que, conforme pôde ser observado, não só existem diferentes avaliações das variantes da coda (s) entre os diferentes grupos de participantes, como também as diferenças são graduais. Os resultados apontaram ainda que padrões de avaliação estão intimamente relacionados ao grau de acesso dos indivíduos dos diferentes grupos às instituições que contribuem para a manutenção e implementação dos padrões de prestígio.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de um teste de percepção das variantes da coda (s), aplicado a falantes de diferentes grupos sociais da comunidade de fala do Rio de Janeiro (MELO, 2017), com o objetivo de identificar o significado social de duas das variantes fricativas, pós-alveolar [ʃ/ʒ] e velar/glotal [x/χ, h/h̥], como em me[ʒ]mo e me[h̥]mo. Participaram do teste falantes de dois grupos sociais distintos: a) um grupo de jovens universitários (grupo UFRJ), falantes de classe média-média e média-baixa; b) dois grupos de adolescentes moradores de favelas, falantes de classe baixa, com diferentes graus de inserção social (grupos EJLA e Fiocruz). Um dos objetivos para a realização do teste de percepção foi observar se os indivíduos de uma mesma comunidade de fala compartilham as mesmas avaliações sobre diferentes variantes de uma mesma variável. O compartilhamento de padrões de avaliação social entre falantes é um componente importante do pertencimento dos falantes a uma mesma comunidade de fala (LABOV, 1972).

Diversos estudos trataram da variação da coda (s) em diferentes comunidades de fala (CANOVAS, 1991; CALLOU; MORAES, 1996; RONCARATI, 1999; MOTA, 2002; MACEDO, 2004; GRYNER E MACEDO, 2000; BRESCANCINI, 2006; SANTOS, 2009), sendo alguns específicos sobre a cidade do Rio de Janeiro (CALLOU e MARQUES, 1975; GUY, 1981; SCHERRE e MACEDO, 2000). Na comunidade de fala do Rio de Janeiro, a coda (s) pode ser realizada como uma fricativa alveolar, alveolopalatal, velar ou glotal – respectivamente, como em me[z]mo ~ me[ʒ]mo ~ me[χ]mo ~ me[h̥]mo – ou ainda não ser realizada, como em me[0]mo. Alguns dos trabalhos anteriormente mencionados apontam para a existência de estigma relacionado à realização das fricativas posteriores (velar ou glotal) em função da distribuição das variantes por escolaridade, uma vez que a variante velar/glotal tende a ocorrer em falantes com baixa escolaridade. No entanto, nenhum estudo de percepção foi realizado para confirmar tal estigma, motivo pelo qual o presente trabalho pode contribuir para que se verifique o significado social dessas variantes em função de diferentes perfis sociais dos participantes.

Serão apresentados a seguir, na primeira seção, os conceitos principais que embasam este estudo: considerações sobre os estudos de percepção da variação, sobre o conceito de comunidade de fala e sobre os resultados de estudos sobre a variação da coda (s) que apontam para o estigma atribuído à variante fricativa posterior. A seção dois apresenta a metodologia de trabalho no que diz respeito ao *design* do teste aplicado, participantes e tratamento de dados.

As seções três e quatro, respectivamente, tratam da análise dos resultados e considerações Finais.

PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO

Diferentes estudos sobre percepção da variação têm procurado avançar aspectos sobre a organização cognitiva da variação (CLOPPER; CONREY; PISONI, 2005; HAY; WARREN; DRAGER, 2006; STAUM-CASASSANTO, 2010; SQUIRES, 2011). Os trabalhos sobre percepção, embora ainda em menor número se comparados aos trabalhos sobre produção da variação, constituem um conjunto considerável de estudos que analisam não só a percepção da indexação social das formas linguísticas em uso, mas também o impacto dessas informações no processamento da linguagem.

Sobre a avaliação de uma determinada forma linguística por falante da cidade de Nova York, Labov (2006[1966]) sustenta que tal avaliação ocorre de acordo com a maior ou menor adoção dessa forma por classes sociais mais altas, ou seja, quanto mais uma forma linguística for usada por falantes pertencentes à classe social mais elevada, maior será o prestígio conferido a essa mesma forma. Labov sustenta ainda que os falantes não têm consciência sobre o uso de variáveis fonológicas, sendo, por esse motivo, necessário realizar diferentes testes para que seja possível aferir as avaliações realizadas pelos falantes sobre essas variáveis. Assim, o autor postula três principais problemas que devem ser resolvidos para que as questões ligadas à avaliação das formas linguísticas pelos falantes possam ser mais bem entendidas: a) isolar as reações subjetivas a valores particulares de uma única variável; b) reduzir essas reações a uma medida quantificável; c) encontrar a estrutura global refletida no padrão das medidas resultantes (LABOV, 2006, p. 266).

Labov et al. (2011) afirmam que experimentos que rastreiam os correlatos cognitivos da variação linguística sempre estiveram ao lado de estudos de produção de fala. Ainda de acordo com Labov et al. (op. cit.), a técnica de estímulos pareados ou técnica dos “falsos pares” (*matched guise test*), uma ferramenta metodológica desenvolvida por Lambert et al. (1960), contribuiu sobremaneira para os estudos sobre percepção. Como reações dos falantes/ouvintes podem não refletir diretamente suas opiniões pessoais, a técnica de estímulos pareados permite investigar atitudes subjetivas dos falantes/ouvintes que não são diretamente aferíveis. Labov (2008, p. 176) argumenta que o trabalho de Lambert é importante porque mostra a existência de “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros

da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada de uma língua em questão”, sendo mais provável que as atitudes de uma pessoa frente a um determinado uso não emergem de “forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos”. Em outras palavras, as atitudes dos ouvintes somente emergem de forma sistemática se eles forem colocados diante de dois conjuntos de possibilidades produzidas por um mesmo falante usando duas formas diferentes. Para tanto, o ouvinte que avalia não deve perceber que as diferentes formas foram produzidas pelo mesmo falante. Oushiro (2015) observa que a técnica de estímulos pareados permitiu demonstrar que diferentes variedades linguísticas têm influência na avaliação dos sujeitos em diferentes situações, as quais vão desde a escolha de um inquilino ou de um candidato a uma vaga de emprego à associação da natureza de um crime cometido a falantes de uma determinada variedade.

Diversos estudos sobre percepção (LAMBERT, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2010; LABOV, 2008, 2011; OUSHIRO, 2015) indicam que, em relação à avaliação das formas linguísticas, há uma recorrente associação entre as variantes produzidas e o julgamento dos falantes que delas fazem uso. O prestígio ou estigma associado a uma determinada variante está associado a diversas questões e conformações sociais: as variantes de menor prestígio são identificadas como sendo características de grupos de falantes que pertencem a comunidades estereotipadas, a classes sociais menos privilegiadas ou menos escolarizadas. A partir de um teste de avaliação da variável (-r) na cidade de São Paulo, Oushiro (2015, p. 318) argumenta que “línguas, variedades e variantes favorecidas pelas classes menos privilegiadas são percebidas mais negativamente quanto a atributos de status e valorizadas quanto a traços de solidariedade”. Labov et al. (2011) investigaram a percepção da variação linguística por meio de uma série de experimentos elaborados para medir a sensibilidade dos ouvintes à realização apical não-padrão da variável (ING, como em *preparing* ‘preparando’). Os participantes foram expostos a diferentes frequências da variante IN para avaliar o grau de adequação da leitura de sentenças por uma suposta candidata ao cargo de locutora de programa de notícias de TV. Os resultados obtidos levaram os autores a concluir que, quanto mais a forma reconhecida como menos prestigiada - no caso, /in/ - era ouvida em um conjunto de sentenças, mais mal avaliada era a candidata.

Os resultados dos estudos anteriormente mencionados sugerem que as avaliações que os falantes fazem sobre as formas linguísticas em uso são construídas a partir das diferentes experiências sociais desses mesmos falantes. Votre (2010, p. 52) argumenta que “o modo de comunicação das pessoas

desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser coletivamente avaliado como estigmatizado”. O autor prossegue dizendo que as formas estigmatizadas são associadas com um “falar errado” ou “vício” por parte dos falantes mais escolarizados. Assim, capturar a(s) avaliação(ões) das formas linguísticas e que são realizadas por falantes de diferentes grupos sociais de uma mesma comunidade de fala pode contribuir para que a dinâmica sociolinguística desta comunidade de fala seja mais bem compreendida, de maneira a explicitar as diferentes relações que os indivíduos estabelecem em razão de suas experiências concretas de uso e de sua própria identidade sociolinguística.

CONCEITO DE COMUNIDADE DE FALA

Labov (1972) propõe que todos os indivíduos de uma mesma comunidade de fala compartilham as mesmas avaliações sobre as formas linguísticas. De acordo com o conceito de comunidade de fala formulado inicialmente por Labov e ampliado posteriormente por Guy (2001), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida com um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008, p. 188). Assim, os falantes de uma mesma comunidade de fala apenas replicam em maior ou menor grau os padrões linguísticos estabelecidos por seus pares, não sendo, portanto, autônomos em relação à comunidade à qual pertencem. Isto implica dizer que, apesar de um falante poder fazer uso de uma forma a qual ele mesmo avalia como estigmatizada, as noções de estigma e prestígio são compartilhadas por todos os falantes de uma mesma comunidade de fala. Portanto, o próprio Labov (2008, p. 188) observa que, em relação à produção do (r) em final de sílaba, uma vez que falantes mais velhos e mais jovens de Nova York apresentam padrões diferentes de avaliação da realização da coda, então pertencem a “comunidades de fala ligeiramente diferentes”. Nesse sentido, reconhecer que há comunidades de fala ligeiramente diferentes dentro de uma mesma comunidade implica dizer que os falantes de uma mesma comunidade nem sempre compartilham das mesmas avaliações sobre as formas linguísticas.

No entanto, há autores que argumentam que há a possibilidade de existirem diferentes avaliações dentro de uma mesma comunidade. Santa Ana e Parodi (1998) observam que esse conceito foi concebido de maneira a relacionar dados sociolinguísticos a uma teoria linguística formal, ressaltando questões linguísticas em detrimento de questões sociais e sem conseguir capturar as funções sociais dos falantes com seus interlocutores. O conceito de comunidade de

fala postulado por Labov, segundo Santa Ana e Parodi, articula “produção” e “avaliação” a uma unidade de medida – a “variável linguística”, sendo o resultado de tal articulação expresso por meio de uma regra variável, a fim de que se garanta a uniformidade linguística na diversidade encontrada entre os falantes. Santa Ana e Parodi entendem que a hierarquia social reflete a avaliação que os falantes fazem acerca do modo como as pessoas falam, mas essa avaliação nem sempre é compartilhada por todos os falantes. Ao estudarem um dialeto do espanhol falado em uma região isolada do México, os autores defendem que diferentes avaliações das formas linguísticas empregadas por uma comunidade podem ser realizadas a partir do grau de acesso dos falantes às instituições e às formas de prestígio.

Relacionando a questão do compartilhamento de avaliações em uma mesma comunidade de fala à variável em análise no presente estudo, é possível observar que alguns trabalhos apontam para uma avaliação negativa da realização da variante aspirada (fricativas posteriores) em diferentes variedades do PB. Carvalho (2000) sustenta que a variante glotal é a menos prestigiada entre os falantes de Belém (PA) e, por isso, tende a ser usada por falantes pertencentes à classe baixa, sendo a realização da variante de prestígio (palatal) mais frequente entre os informantes do sexo feminino. Gryner e Macedo (2000, p. 44) sustentam que, na região de Cordeiro, “as formas mais populares (aspiração e queda)” tendem a ser realizadas por falantes menos escolarizados, sendo a variante palatal predominantemente realizada por falantes com alto nível de escolaridade. Auler (1992, p. 51) sustenta que o fenômeno da aspiração do *s* pós-vocálico, na comunidade de fala da cidade do Rio de Janeiro, deve ser tratado como um “indicador social de uma fala menos comprometida com a norma culta” e não como “um marcador dialetal diatópico”. Isto porque a realização da aspiração seria “própria de indivíduos que não estão sujeitos a pressões sociais sobre o seu desempenho linguístico”, tendo em vista que, ainda de acordo com a autora, os indivíduos que constituíram os *corpora*, ao aumentarem o seu nível de escolaridade, diminuíram ou eliminaram a pronúncia aspirada. No entanto, as hipóteses aventadas nos estudos mencionados acerca da avaliação das variantes da coda (*s*) precisam ser verificadas por meio de teste de percepção que comprove a existência de um estigma relacionado à variante velar/glotal. As suposições são feitas com base em dados de produção em função da distribuição das variantes considerando características sociais dos falantes que mais fazem uso da variante aspirada ou posterior, isto é, de falantes menos escolarizados e pertencentes a camadas mais populares.

Em Melo (2012, 2017), a partir de dados de produção com falantes de diferentes classes sociais – falantes da classe média média e média baixa, além de falantes de classe baixa, moradores de favelas, com diferentes níveis de escolaridade e graus de inserção social –, observou-se uma mudança em progresso em direção à variante velar/glotal somente entre os falantes socialmente excluídos da classe baixa. Foi possível observar ainda que, em todas as amostras analisadas, independentemente da classe social ou grau de inserção social, a variante velar/glotal tende a ser realizada quando a coda (s) é seguida por uma consoante sonora, em posição final de palavra, em palavras não-monossilábicas, em sílabas átonas, sem status morfológico, em estilo informal, sendo ainda condicionada em razão do indivíduo e do item lexical. A taxa global de realização de fricativas posteriores é muito superior entre os falantes socialmente excluídos da classe baixa (30%), sem escolarização regular, do que entre falantes da classe média média e média baixa (5%) e falantes da classe baixa com maior inserção social (6%).

Este estudo adota a hipótese dos modelos baseados em exemplares (BYBEE, 2001, 2010; PIERREHUMBERT, 2003; DRAGER; KITLEY, 2016), segundo a qual a variação linguística indexada é representada no léxico. Como o detalhe fonético é estocado como parte da forma da palavra, a representação é atualizada por meio da experiência do falante com a língua em diferentes contextos sociais, discursivos e interacionais. Em Melo (2012, 2017), assumiu-se que as diferentes taxas de realização das fricativas posteriores para itens específicos indicam qual variante é predominante – ou central – em relação às demais na representação da palavra para os indivíduos (CONNINE; RANBOM; PATTERSON, 2008). Assim, percebe-se que, entre falantes socialmente excluídos da classe baixa, a fricativa posterior prevalecia em alguns itens, tais como *mesmo*, *desde*, *vários* e *nós*, enquanto entre os falantes da classe média e os falantes da classe baixa com maior inserção social, esses mesmos itens foram produzidos predominantemente com a variante pós-alveolar. Assim, como a organização dos itens que contêm a coda (s) é diferente, pelo menos em relação a algumas palavras, entre os três grupos, é fundamental investigar até que ponto falantes com o mesmo perfil social do estudo de produção compartilham os mesmos padrões de avaliação entre as duas variantes (pós-alveolares e posteriores).

METODOLOGIA DA PESQUISA

A avaliação social das variantes da variável linguística estudada foi acessada por meio de teste de percepção que observou a associação entre duas variantes da variável coda (s) – glotal e pós-alveolar – a três diferentes ocupações profissionais, que podem ser situadas em uma escala com diferentes graus de prestígio na sociedade: *médica*, *auxiliar de enfermagem* e *faxineira*. A associação entre variante e profissão revela expectativas de pertencimento a um determinado grupo social da comunidade de fala. À profissão de médica, além da obrigatoriedade de conclusão de um curso superior, é atribuído um prestígio social maior. Já a profissão de faxineira não necessita de formação específica e tampouco escolaridade, além de ser, geralmente, ocupada por pessoas de classes sociais mais baixas. Quanto a profissão de técnica em enfermagem há necessidade de determinada formação – mesmo que não seja necessariamente de ensino superior – e geralmente é ocupada por pessoas de classes mais populares que tiveram algum acesso a determinadas instituições sociais. Dessa forma, a associação de uma determinada variante aos extremos da escala de profissões indica: a) uma avaliação negativa da variante no extremo relativo à profissão de faxineira; b) e uma avaliação positiva no extremo relativo à médica. O perfil de técnica em enfermagem situa as variantes no meio de um *continuum* que teria, em seus extremos, o perfil de faxineira (estigma) em uma ponta e, na ponta oposta, o perfil de médica (prestígio).

Como um dos objetivos do estudo de Melo (2017) foi o de conjugar os resultados obtidos por meio do teste de percepção a dados de produção para indivíduos dos mesmos grupos sociais – ou com, pelo menos, padrões sociais semelhantes –, os participantes selecionados para o teste de percepção têm o mesmo perfil social dos falantes que compõem as amostras de fala do estudo de produção das variáveis estudadas: subgrupo de falantes da amostra Censo 2000, amostra Fiocruz e amostra EJLA. Assim, 36 indivíduos de dois grupos sociais participaram do teste de percepção: a) 12 indivíduos de classe média e média baixa, os quais foram representados por jovens universitários (grupo UFRJ); b) 24 indivíduos de classe baixa, os quais foram representados por dois grupos de adolescentes moradores de favelas: um grupo de 12 adolescentes com alguma inserção social, escolarização regular, os quais, no momento da aplicação do teste, participavam de um curso para monitor de museu em uma grande instituição pública de ensino e pesquisa do país (grupo Fiocruz); um grupo de 12 adolescentes excluídos socialmente, com escolarização bastante irregular, e que, no momento da aplicação do teste, cumpriam medida socioeducativa de interna-

ção em uma unidade do estado (grupo EJLA). Do total dos 36 participantes, 24 eram homens e 12, mulheres. Como não foi obtida uma boa distribuição por sexo nos três grupos, essa variável não foi considerada na análise.

As sentenças do teste foram gravadas por uma mulher, falante da variedade carioca, e, portanto, apresentando as duas variantes em questão na sua produção espontânea, com nível universitário e idade entre 25-30 anos. Além de 12 sentenças distratoras, 24 sentenças foram elaboradas e organizadas em duas listas: uma lista com 12 sentenças que só continham apenas um item com uma das variantes da variável em questão e outra lista com 12 sentenças que continham dois itens. As sentenças foram controladas em função do tamanho, contexto seguinte à coda e distância entre as duas palavras com a coda (s) na lista dos estímulos com mais de uma variante na mesma sentença (Anexo 1).

Cada participante ouviu, no total, 18 sentenças: 12 sentenças com uma ou duas variantes da coda (s) e 06 sentenças distratoras. Assim, metade dos participantes de cada grupo foi exposta a sentenças em que a variante ocorria uma vez em cada sentença e a outra metade foi exposta a sentenças com duas ocorrências da mesma variante, totalizando 18 participantes em cada uma das duas condições do teste (ouvir uma única ocorrência da variante por sentença *vs.* ouvir duas ocorrências da mesma variante por sentença). Cada participante ouviu, em cada uma das duas condições, 6 sentenças com uma variante e 6 com a outra variante, sendo que nenhum participante foi exposto à mesma palavra com as duas variantes. Foi produzido um total de 432 respostas, 216 relativas à variante pós-alveolar e 216 relativas à variante glotal. O teste foi aplicado individualmente nas respectivas instituições em que cada um dos grupos de participantes foi contatado. Os estímulos foram apresentados utilizando o software TP (Teste/Treinamento de Percepção) – versão 3.1, com apresentação dos estímulos em ordem aleatória.

No momento de aplicação do teste, o participante era apresentado à tarefa pelo pesquisador através de uma situação relatada através de um texto que aparecia na tela do computador. O texto a seguir era lido pelo pesquisador, acompanhado pelo participante:

Você está em um hospital público, aguardando por uma consulta médica. Enquanto aguarda ser atendido, você ouve uma mulher dizendo algumas frases. Após ouvir cada frase, diga se ela foi produzida por uma médica do hospital, por uma técnica de enfermagem do hospital ou por uma auxiliar de serviços gerais.

Após o texto, o participante ouvia o estímulo. Cada sentença poderia ser ouvida até 03 (três) vezes pelo participante antes de indicar a resposta. Após ouvir cada sentença, o programa apresentava na tela as três profissões (*médica, técnica*

de enfermagem, faxineira) e o participante deveria clicar em uma das opções. Especificamente, no caso do grupo de participantes com escolaridade irregular, o pesquisador se certificou se conseguiam ler/identificar as três opções. Após clicar em uma resposta, o programa registrava em uma planilha de *Excel* a opção indicada pelo participante e carregava automaticamente o estímulo seguinte.

A significância estatística das variáveis explicativas foi verificada através do teste de qui-quadrado no Programa R. As respostas foram analisadas de duas maneiras: distribuição das respostas por cada variável independente estudada e grau de penalização da variante. Para esta última, foram atribuídos diferentes valores para as respostas dadas pelos participantes aos três perfis de profissões: o valor 1 foi atribuído ao perfil *médica*, o valor 2 foi atribuído ao perfil *auxiliar de enfermagem* e o valor 3 foi atribuído ao perfil *faxineira*. Nesse sentido, o valor 1 foi atribuído às formas entendidas como de maior prestígio e 3 às formas menos prestigiadas a partir da relação entre as variantes produzidas e as profissões as quais os participantes escolhiam. Assim, quanto mais alto o valor atribuído a uma determinada variante, significa que houve mais associações com a profissão de faxineira, e, conseqüentemente com o perfil social de baixa escolaridade e de atividade profissional pouco valorizada. A soma dos valores atribuídos às respostas de todos os participantes revela o grau de estigma ou prestígio das variantes.

Também foi realizada a análise em que a variável dependente foi a escolha da profissional e, nesse caso, as variáveis independentes foram¹: a) variante (intra-sujeitos/ *within subjects*): glotal ou pós-alveolar; b) número de variantes por sentença (entre-sujeitos/*between subjects*): sentença com 1 ocorrência da variante, sentença com 2 ocorrências da mesma variante; c) e grupo social do participante: UFRJ, Fiocruz, EJLA. A classificação como *within* ou *between subjects* só se aplica a condições dos testes. Esse grupo de fatores é justamente o que mapeia os subjects (ou participantes).

Os objetivos específicos para a realização do teste eram:

- a) verificar se os indivíduos dos diferentes grupos sociais fazem as mesmas avaliações acerca das duas variantes da coda (s). Esperava-se que, em ra-

¹ Design experimental intra-sujeitos (*within-subject*) significa que todos os participantes estão expostos aos mesmos tipos de estímulos. Design entre-sujeitos (*between-subjects*) significa que um determinado tipo de estímulo foi exposto a um grupo de participantes e não a outro (DRAGER, 2013, p. 64). Em outras palavras, todos os participantes ouviram as duas variantes de cada variável, mas cada grupo ouviu ou somente uma variante por sentença ou duas variantes por sentença de cada variável sociolinguística avaliada.

zão dos dados de produção obtidos a partir das amostras CENSO 2000, Fiocruz e EJLA, que houvesse uma avaliação negativa – estigmatizada – da fricativa glotal, uma vez que essa variante foi bem menos produzida por falantes com maior escolaridade e pertencentes a diferentes setores da classe média (MELO, 2017);

- b) verificar se a frequência de ocorrência da variante, controlada através da presença de uma ou mais de uma ocorrência da mesma variante no mesmo estímulo, tem efeito na percepção do falante, conforme em Labov et al. (2011).

RESULTADOS

A fim de verificar se havia associação entre as variáveis testadas, foram realizados testes de qui-quadrado: um p-valor acima de 0,050 indica que há associação entre as variáveis testadas, razão pela qual os resultados obtidos são considerados como tendo significância estatística e, por isso, relevantes no entendimento da percepção das variáveis linguísticas em questão. Serão comentados apenas os resultados que apresentaram relevância estatística no teste do qui-quadrado, quais sejam: associação entre tipo de resposta e ‘grupo social’ e ‘variantes’, de acordo com a metodologia explicitada na seção anterior. Os resultados indicaram que não houve efeito do número de vezes em que a variante aparece em cada sentença, isto é, uma ou duas vezes (p-valor = 0.1868). Apesar de a metodologia utilizada no teste desta pesquisa não ser a mesma daquela utilizada por Labov et al. (2011), os resultados obtidos podem indicar que o grau de estigma da variável testada não tem relação com a frequência de exposição a uma determinada variante ou que a maneira de testar essa variável não tenha conseguido capturar esse efeito.

A Tabela 01 contém os resultados para o grau de estigma atribuído às variantes, considerando o grau de penalização da variante por grupo de participantes.

Tabela 01: Resultados: grau de estigma atribuído às variantes do (s) em coda.

	Variantes	
	glotal	pós-alveolar
EJLA	75	78
Fiocruz	113	74
UFRJ	127	57
Total Geral	315	209

De acordo com a Tabela 01, em relação à pontuação geral obtida, verifica-se que houve mais associação das sentenças produzidas com a fricativa glotal ao perfil profissional menos prestigiado socialmente (*faxineira*), tendo sido a pontuação para estas sentenças (315) bem superior às sentenças produzidas com a fricativa pós-alveolar (209). Em relação à distribuição dos índices por grupo social, verifica-se que, quando o estímulo continha a variante glotal, as sentenças não foram bem avaliadas pelos participantes dos grupos UFRJ e Fiocruz (respectivamente, índices de 127 e 113), o que deixa os participantes desses grupos bem próximos em termos de avaliação da variante glotal. Além disso, é possível verificar que não há diferença na avaliação das variantes entre os adolescentes da EJLA, uma vez que os índices atribuídos às variantes glotal e pós-alveolar são muito próximos (respectivamente, 75 e 78). Essa situação coloca os adolescentes do grupo EJLA bem distantes, em termos da avaliação da variante glotal, dos participantes dos outros dois grupos, revelando que as variantes são diferentemente avaliadas dentro da mesma comunidade de fala. O p-valor para as variáveis ‘grupo social’ e ‘variantes’ é de 0.0009345, revelando que a associação entre elas é significativa. Os resultados para a variante glotal mostram também que há uma gradiência na avaliação. Os participantes da UFRJ apresentaram valores de avaliação da glotal mais altos que os da Fiocruz.

A Tabela 02 mostra a distribuição e respectivos percentuais das respostas (associação entre a variante e o perfil de profissão por grupo social) por variante e por grupo de participantes:

Tabela 02: Resultados: distribuição das respostas dos participantes para o teste de avaliação do (s) em coda por grupo amostral.

grupo amostral	variantes	Faxineira		Técnica em enfermagem		Médica	
		respostas	%	respostas	%	respostas	%
EJLA	glotal	21	29%	33	46%	18	25%
	pós-alv	19	26%	40	56%	13	18%
Fiocruz	glotal	49	68%	15	21%	8	11%
	pós-alv	23	32%	28	39%	21	29%
UFRJ	glotal	58	81%	11	15%	3	4%
	pós-alv	13	18%	31	43%	28	39%

De acordo com a tabela anterior, comprova-se que as avaliações realizadas em relação às duas variantes pelos participantes dos grupos UFRJ e da Fiocruz se afastam bastante da avaliação feita pelos adolescentes da EJLA. A partir dos percentuais obtidos, verifica-se que, entre os participantes dos grupos UFRJ e Fiocruz, há uma polarização clara das avaliações. Em outras palavras, observa-se que, para os participantes dos grupos UFRJ e Fiocruz, houve uma relação muito forte entre as sentenças realizadas com a variante glotal e o perfil de menor prestígio social (faxineira), o que caracteriza a avaliação negativa que esses participantes fazem do uso da variante glotal.

Por outro lado, entre os participantes da EJLA, não se verifica a mesma polarização, podendo ser percebida, ainda, uma concentração maior para associação entre as sentenças realizadas com a variante glotal e o perfil de técnica em enfermagem, o qual é assumido como um valor central na escala de valor social. Como não há polarização na associação entre a variante glotal e os perfis mais extremos, além de maior concentração no perfil técnica em enfermagem, entende-se que, para os participantes da EJLA, não há uma avaliação negativa ou positiva da variante glotal, diferentemente do que acontece com os outros dois grupos.

A relevância de associação entre as variáveis testadas – ‘grupo social’ e ‘variante glotal’ – é revelada por meio do p-valor encontrado para associação entre elas: $8.195e-09^2$. Da mesma forma, o p-valor para a associação de cada grupo social com as duas variantes confirma a análise realizada. Entre os participantes dos grupos UFRJ (p-valor de $2.294e-13$) e Fiocruz (p-valor de $6.956e-05$), há diferentes avaliações das variantes glotal e pós-alveolar. Já entre os participantes do grupo EJLA, não há distinção de avaliação entre as duas variantes (p-valor de 0.4544). Esses resultados refletem os apresentados na Tabela 01.

Se é possível detectar que a variante glotal é a realização menos prestigiada para a variação do (s) em coda entre os participantes dos grupos UFRJ e Fiocruz, não é possível falar em uma variante de prestígio para essa mesma variável. A partir da associação entre os perfis e as variantes testadas, percebe-se que, sobre a variante pós-alveolar, parece não pesar uma avaliação social de prestígio, isto é, os participantes dos três grupos não reconhecem a fricativa pós-alveolar como sendo a variante prestigiada. É possível, então,

² A notação e-09 no p-valor significa que o resultado encontrado contém, como neste caso, nove casas decimais com zero depois da vírgula e a partir daí os demais números indicados. Essa notação é utilizada para simplificar a apresentação do resultado que seria 0.000000008195, um resultado importante que indica um p-valor muito baixo e, portanto, a forte significância do resultado.

que a variante pós-alveolar funcione como característica regional da variedade falada na cidade do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes estudos sobre a coda (s) em diversas variedades do PB, incluindo a comunidade de fala da cidade do Rio de Janeiro, apontam para um estigma associado à fricativa glotal. Pretendia-se, por meio da aplicação do teste de percepção com estímulos com duas variantes da variável coda (s), atestar este estigma, bem como verificar se essa avaliação é partilhada por todos os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Por um lado, os resultados confirmaram a avaliação negativa da variante glotal. No entanto, por outro lado, os resultados mostraram que essa avaliação não é compartilhada por todos os falantes da comunidade de fala, uma vez que o estigma da variante glotal foi confirmado entre os participantes mais escolarizados (grupos UFRJ e Fiocruz), mas não entre os adolescentes excluídos socialmente (grupo EJLA). Para este grupo, os resultados indicaram que não houve diferença de avaliação em relação às duas variantes da variável observada.

Uma vez que os participantes dos grupos EJLA e Fiocruz pertencem ao mesmo grupo social (moradores de favelas), é possível que os diferentes graus de inserção social desses indivíduos tenham impacto no comportamento diferenciado em relação à percepção das duas variantes mencionadas. Em razão da situação de exclusão social que vivenciam, os indivíduos do grupo EJLA não se identificam com valores sociais detectados em outros setores da sociedade, o que faz com que, conseqüentemente, não adotem e nem compartilhem tais valores. Por outro lado, a escolaridade regular – todos cursavam o Ensino Médio – e o acesso, por parte dos indivíduos do grupo da Fiocruz, a curso de formação em uma importante instituição de pesquisa, pode levar à adoção desses valores até como uma atitude de diferenciação/distanciamento de outros indivíduos com a mesma origem social, atitude esta que pode ser também observada na taxa geral, nas amostras de fala, de realização da variante glotal para falantes deste grupo, 5%, semelhante à observada para os falantes da Censo 2000, 6%, e distanciada da do grupo EJLA, 30% (MELO, 2012).

Esse quadro mostra que o requisito de compartilhamento de padrões de avaliação no conceito de comunidade de fala de Labov (1972) é limitador e torna mais complexo o enquadramento dos falantes em função de seu comportamento quando observados em relação a mais de uma variável. De acordo com a definição de Labov, considerando os resultados para a avaliação das variantes

da coda (s), os grupos da Fiocruz e da UFRJ podem ser enquadrados como pertencentes à mesma comunidade de fala, ao passo que os falantes da EJLA pertenceriam a outra comunidade de fala. Em suma, é possível que as diferentes experiências sociais dos indivíduos de uma sociedade estratificada socialmente e com diferenças profundas entre alguns segmentos levem ao desenvolvimento de padrões de avaliação diferentes. Portanto, se são consideradas outras variáveis linguísticas, significa que os mesmos grupos sociais se situam igualmente em relação ao compartilhamento de padrões de avaliação social? Se não, tomando por base o conceito de Labov, de quantas comunidades de fala um mesmo falante faz parte? O estudo de Melo (2017) mostrou que, com relação à avaliação de variantes da coda (r), os falantes da UFRJ se diferenciam dos dois grupos de adolescentes (EJLA e Fiocruz) na atribuição de prestígio à realização da coda em interior de palavra, como em *parceiro*. Outra questão que se coloca é o que levaria o falante a apresentar tendências diferentes para diferentes variáveis, como no caso do que ocorre com os participantes da Fiocruz que ora se comportam como os participantes da UFRJ, em relação à avaliação da variante glotal da coda (s) e ora se aproximam dos participantes da EJLA, com relação à avaliação da presença da coda (r). Ainda, conforme observado na Tabela 01, pode haver diferenças gradientes de avaliação entre grupos sociais. Observa-se, então, que a dinâmica sociolinguística de uma determinada comunidade de fala é mais complexa do que a situação reportada em Labov (1972). Conforme já mostrado em outros estudos (SANTA ANA; PARODI, 1998; ZHANG, 2005), propõe-se que o conceito de comunidade de fala integre a diversidade de padrões de avaliação social que pode emergir de forma a capturar, mais amplamente, as diferentes relações que os indivíduos estabelecem em função de seu pertencimento de classe, do grau de inserção social, das suas redes sociais e comunidades de prática das quais participam.

Além disso, o comportamento de cada grupo em relação à percepção da variante velar/glotal parece espelhar os resultados obtidos em Melo (2012, 2017) para dados de produção. Foi observado ainda que os falantes excluídos socialmente da classe baixa (Amostra EJLA) diferem tanto dos falantes da classe média (Amostra Censo 2000) quanto dos falantes da classe baixa com maior inserção social (Amostra Fiocruz) no que se refere à representação detalhada das palavras com a coda (s). Para algumas palavras, a variante glotal é o exemplar dominante entre os falantes da Amostra EJLA, enquanto a variante pós-alveolar é a variante dominante para os outros dois grupos. A mudança em progresso afeta palavras mais frequentes somente entre os falantes da Amostra EJLA. Este grupo é o único que não mostra uma avaliação negativa para a variante velar/glotal.

Também defendemos que o conceito de sistema adaptativo complexo (BECKNER et al., 2009) é mais apropriado para acomodar os resultados obtidos neste estudo. Na abordagem da linguagem como um sistema adaptativo complexo, assume-se que a língua não se desenvolve de maneira uniforme e ordenada. Ao contrário, é dependente das interações específicas dos indivíduos (MUFWENE, 2008, p. 62, 2013, p. 207-208), que estão encaixadas na estrutura da sociedade, uma vez que a experiência do indivíduo é também social e histórica.

REFERÊNCIAS

AULER, Mônica. A difusão lexical num fenômeno de aspiração em português. In *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1992.

BECKNER, C.; BLYTHE, R.; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M. H.; CROFT, W.; ELLIS, N. C.; HOLLAND, J.; KE, J.; LARSEN-FREEMAN, D.; SCHOENEMANN, T. Language is a complex adaptive system: position paper. *Language Learning*, v. 59, s. 1, p. 1-26, 2009.

BRESCANCINI, C. R. A fricativa em posição de coda no PB. In: Jânia M. Ramos. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte-MG: Editora da FALE/UFMG, p. 06-20, 2006.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. The effect of speaker information on attitudes toward (ING). In *Journal of Language and Social Psychology*, vol. 29(2), 214–223, 2010.

CALLOU, Dinah, MARQUES, M. D. *O -s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Littera, 1975.

CARVALHO, Rosana Siqueira de. *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, 2000.

CANOVAS, Maria Irene Francisco. *Variação fônica de /s/ pós-vocálico e de /v, z, / cabeças de sílaba na fala da cidade de Salvador*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1991.

CLOPPER, Cynthia G, CONREY, Bryanna, PISONI, David. B. Effects of talker gender on dialect categorization. *Journal of Language and Social Psychology*. p. 182-206, 2005.

CONNINNE, C. M.; RANBOM, L. J.; PATTERSON, D. J. Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency. *Perception & Psychophysics*, vol. 70, n. 3, 2008, p. 403–411.

GRYNER, Helena e MACEDO, A. V. T. A pronúncia do –S pós-vocálico na região de Cordeiro – RJ. In: Maria Cecília Mollica; Mário Eduardo Martellota. (Org.). *Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, p. 26-51, 2000.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: *Abralin*, 2001. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

HAY, Jennifer, WARREN, Paul; DRAGER, Katie. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. *Journal of Phonetics*, 34(4), p.458-484. 2006.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The Social Stratification of English in New York City*. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso (tradução). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV et al. *Journal of Sociolinguistics*. Blackwell Publishing: p. 431-463, 2011.

LAMBERT, W. E et al. Evaluational reactions to spoken languages. In *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), p. 44-51, 1960.

MELO, M. A. S. L. de. *Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2012 Dissertação (Mestrado) UFRJ, Faculdade de Letras, 2012.

MELO, M. A. S. L. de. *Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

MOTA, Jacyra Andrade. *O –S em coda silábica na norma culta de Salvador*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, 2002.

MUFWENE, S. *Language Evolution: Contact Competition, and Change*. London: Continuum, 2008.

MUFWENE, S. The Emergence of Complexity in Language: An Evolutionary Perspective. In MASSIP-BONET, A.; BASTARDAS-BOADA, (Eds.) *Complexity Perspectives on Language, Communication and Society*. Berlin: Springer, 2013.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Letras) – USP, FFLCH, São Paulo, 2015.

PIERREHUMBERT, J. B. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In R. Bod, J. Hay and S. Jannedy (eds.) *Probability Theory in Linguistics*. The MIT Press, Cambridge MA, 2003, p.177-228.

RONCARATI, C. N. S. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In ARAGÃO, M. do S.; BARROS, K. S. M. (Org.). *Linguística*. Ceará: Universidade Federal do Ceará, v. 1, p. 5-6, 1999.

SANTA ANA, O.; PARODI, C. 1998. Modelling the speech community: Configurations and variable types in the Mexican Spanish setting. In *Language in Society* 27(1), p. 23-51, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira e MACEDO, A. V. T. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: Maria Cecília Mollica; Mário Eduardo Martelotta (org.). *Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, p. 52-64, 2000.

SQUIRES, L. M. *Sociolinguistic priming and the perception of agreement variation: Testing predictions of exemplar-theoretic grammar*. Tese (Doutorado), University of Michigan, 2011.

STAUM CASASANTO, Laura. *What do Listeners Know about Sociolinguistic Variation?* University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics: Vol. 15: Iss. 2, Article 6, 2010.

VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

ZHANG, Qying. A Chinese yuppie in Beijing: Phonological variation and the construction of a new professional identity. *Language in Society* 34, p.431-466, 2005.

ANEXO 1

Lista de sentenças para o teste de avaliação de itens com o (s) em coda

1 item	2 itens
<p>1. Ele às vezes fica nervoso com facilidade.</p> <p>2. A menina queria mesmo sair de casa.</p> <p>3. Sempre depois do vento, vem a chuva.</p> <p>4. Na aula de amanhã, nós vamos fazer prova.</p> <p>5. O ônibus dava várias voltas sem necessidade.</p> <p>6. Ela precisava de dinheiro, mas não tinha a quem pedir.</p> <p>7. Meus vizinhos sempre reclamam do barulho.</p> <p>8. José colocou a vassoura atrás da porta.</p> <p>9. Somente a fê em Deus move montanhas.</p> <p>10. Maria carregou os livros desde lá de baixo.</p> <p>11. O réu aguardava a sentença do juiz na sala de audiência.</p> <p>12. Quanto menos doce comer, mais rápido fica bom.</p>	<p>1. Às vezes eu tomo meus remédios sem receita.</p> <p>2. Às vezes o jornal dá várias notícias sem sentido.</p> <p>3. Depois do show, nós vamos à praia.</p> <p>4. O juiz não queria, mas decidiu contra o réu.</p> <p>5. Nós não vemos Saulo desde o ano passado.</p> <p>6. Depois de muito tempo, o juiz disse a sentença.</p> <p>7. Meus livros surgiram atrás do armário.</p> <p>8. O mesmo carro deu várias voltas até parar.</p> <p>9. Desde ontem, João não teve mais vontade de sair do quarto.</p> <p>10. Deus nunca dá menos do que você deseja.</p> <p>11. Deus me livre de ter menos dinheiro.</p> <p>12. O bom jogador corre atrás da bola mesmo quando está cansado.</p>